

ANÁLISE DA ESPETACULARIZAÇÃO REALIZADA NA COBERTURA JORNALÍSTICA NO ACIDENTE DA CHAPECOENSE ¹

Daiane ALVES²

Bárbara DIAS³

Kamila MELO⁴

Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC

Resumo

Este artigo tem como tema a espetacularização realizada na cobertura jornalística no acidente da chapecoense. Para tanto, o objetivo é analisar os aspectos positivos e negativos que o espetáculo jornalístico possui e a conseqüente influência deste na vida das pessoas. Para chegar ao objetivo proposto, esta pesquisa utilizou como método de abordagem o dedutivo, sendo um estudo exploratório, de abordagem qualitativa, através de pesquisas em livros e sites sobre o assunto abordado. Foram discutidos os critérios de noticiabilidade definidos por Nelson Traquinas (2005), além da Sociedade do Espetáculo, Guy Debord (1997) aplicando-as à cobertura de tragédias. O objeto de estudo utilizado foram duas reportagens sobre a tragédia da Chapecoense, exibidas no dia 3 de dezembro de 2016, pelo Jornal Nacional. Por fim, o estudo concluiu que alguns acontecimentos são, por si só, espetaculares, como é o caso do time de Chapecó, e que cabe aos jornalistas a responsabilidade de manter uma postura ética, mesmo diante de situações com essa dimensão.

Palavras-chave: tragédia da Chapecoense; espetáculo; jornalismo; televisão.

1 Introdução

Selecionar. Classificar. Organizar. Destacar. Ações como estas fazem parte da rotina jornalística. Os critérios de noticiabilidade e os valores das notícias são as ferramentas usadas na construção das matérias e reportagens que compõem os jornais impressos, radiofônicos e televisivos. Contudo, existem acontecimentos particulares que, devido a sua dimensão, quebram a ordem natural do cotidiano do ofício. Existem dois tipos: os previsíveis e

¹Trabalho apresentado na DT 1 - Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unisul, e-mail: daiane_sam@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Unisul, e-mail: kaamilamelo@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Unisul, e-mail: barbarakaroline99@gmail.com

os imprevisíveis. O primeiro abrange eleições, festivais musicais e manifestações. Já o segundo engloba os incêndios, quedas de aviões e sequestros. Eventualmente, as situações inesperadas geram maior empenho e deslocamento dos profissionais de comunicação.

O presente artigo vai fazer uma análise sobre a espetacularização realizada na cobertura jornalística no acidente do time da Chapecoense e assim observar se essa imagnetização provocou reações positivas e negativas no público. Inicialmente será explicado o conceito de cobertura de tragédia e como esta ocorre no meio de comunicação televisivo. Posteriormente, iremos ressaltar detalhes da perda de Chapecó. Esta pesquisa mostra-se necessária para que se possa entender como a exploração das imagens jornalísticas pode dar a dimensão do fato e conseqüentemente influenciar nossas vidas.

Para tanto, a problematização é: como foi a espetacularização realizada na cobertura jornalística no acidente da chapecoense?

Em relação à metodologia, quanto ao método de abordagem, este artigo utilizará o dedutivo, pois partirá de uma análise geral do tema, passando pelas evoluções históricas, conceitos, dentre outros, até a finalização do assunto específico.

Quanto ao tipo de pesquisa, utilizar-se-á, no que diz respeito ao nível de profundidade, a exploratória, uma vez que “o principal objetivo da pesquisa [...] é proporcionar maior familiaridade com o objeto do estudo”. (LEONEL; MOTTA, 2007, p. 100).

Por fim, quanto ao procedimento na coleta de dados, utilizar-se-á, preponderantemente, a bibliográfica, ou seja, para tentar responder o problema formulado serão consultadas as teorias já publicadas em outras fontes, tais como livros, artigos, manuais, enciclopédias, anais, meios eletrônicos etc. (LEONEL; MOTTA, 2007, p. 112).

A justificativa deste trabalho se dá pela importância de tratar desse assunto, visto que a espetacularização das tragédias está presente nas matérias e reportagens. Este estudo se apresenta necessário para que seja possível entender como a exploração das imagens, no meio televisivo, é capaz de proporcionar ao público a dimensão do fato. Sendo assim, isso influencia direta ou indiretamente na discussão diária da sociedade, ao percebermos o poder de transformação e formação de ideias que o jornalismo detém. O nosso objetivo com essa pesquisa é alertar as pessoas sobre esses trabalhos jornalísticos e, também, ressaltar aspectos positivos e negativos presente neles. Para que assim, elas possam passar a ter um olhar mais cauteloso e crítico ao que é exibido pela mídia, principalmente no que diz respeito à cobertura de tragédias.

2 Cobertura jornalística no meio televisivo

Cobrir um acontecimento significa buscar informações, apurar, mostrar, realizar matérias e reportagens sobre fatos que merecem ser noticiados. Todo material produzido em razão daquele fato é considerado cobertura jornalística. “Cobertura corresponde ao trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado”. (EMERIM, BRASIL – 2011 – pág 4). A escolha do que vai ser veiculado é feita pelos jornalistas por meio dos valores-notícia.

E no gênero televisivo não seria diferente. Na rotina de produção em uma redação os temas que mais ganham a atenção dos profissionais são aqueles de interesse público. É neste aspecto que Emerin e Brasil (2011) caracterizam as grandes coberturas e as coberturas grandes. A primeira é quando um fato é abordado mais profundamente, mostrando a maior quantidade possível de versões. Geralmente são assuntos de grande relevância e que afetam diretamente a vida do público. O segundo é o período em que um acontecimento pode manter-se em pauta. No jornalismo, a reportagem que gera outros desdobramentos a partir da notícia inicial tem o nome de suíte. Uma semelhança entre os conceitos é que ambos viram discussão pública.

Além disso, os autores apontam a cobertura ao vivo como uma característica marcante da televisão e que, quando se fala em transmissão ao vivo, logo o público entende que será mostrado um assunto de maior importância, ou seja, as grandes coberturas. Diante disso, podemos citar dois exemplos ocorridos em 2013: o incêndio da Boate Kiss e as manifestações em grande escala que tiveram como protagonistas os jovens brasileiros.

Segundo Yvana Fachine (2008), a televisão lida principalmente com os acontecimentos extratelevisivos, que são aqueles ocorridos sem o planejamento do veículo de comunicação, como acidentes, catástrofes, imprevistos e tragédias. No entanto, existem também os chamados televisivos em que as emissoras podem se preparar previamente. Exemplo são as coberturas de shows, festivais e debates políticos, não alterando a grade da programação. Todos eles passam por um processo de seleção, entre os outros fatos para serem veiculados.

2.2 Tragédias e os critérios de noticiabilidade

Conforme Nelson Traquinas (2005), as notícias são como são em consequência da rotina jornalística, também chamada de newsmaking. Os métodos fundamentais, para

selecionar as notícias nesse cotidiano, são os valores notícias e os critérios de noticiabilidade. O primeiro é dividido por Traquinas em duas categorias principais: os de seleção e de construção da notícia. Neste artigo, vamos dar ênfase aos critérios de seleção que são subdivididos por Traquinas em morte, notoriedade do envolvido, a proximidade cultural e geográfica, a relevância - definida como fatos que mudam o cotidiano das pessoas - o inesperado e a novidade.

Analisando a tragédia da Chapecoense, concluímos que esse fato se encaixa nos critérios de noticiabilidade destacados acima. O time vivia um momento de glória. Tinha notoriedade. O futebol é considerado a grande paixão nacional, tendo grande proximidade cultural com a população. O acidente foi um acontecimento totalmente imprevisível e inesperado, daqueles que “subverte a rotina e causa caos na redação”, TRAQUINA (2005, p. 79). Ademais, o valor notícia de morte também está presente. Afinal, 71 pessoas morreram e isso foi motivo crucial para a grande atenção da mídia.

O que é que os seguintes acontecimentos, que conquistaram o consenso da comunidade jornalística nacional e, no terceiro caso, o consenso da comunidade jornalística mundial, têm em comum: a queda da ponte de Entre-os-Rios, o assassinato de seis empresários portugueses no Brasil, e o ataque ao World Trade Center de Nova Iorque e ao Pentágono? A resposta é simples: a morte. Onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão. (Traquina, 2005, p. 79)

No entanto, não é só no mundo das informações que a morte tem valor especial. Na literatura brasileira, bem como em filmes, nas mais diversas categorias, sejam elas ação, romance, suspense, terror, entre outras, os óbitos estão presentes. Haja vista que, para o ser humano, a morte, por ser o ponto final da trajetória, é algo que não podemos evitar. Conforme o dito popular “existe jeito para tudo, menos para morte”, estamos impossibilitados de tomar qualquer atitude para mudar esse fato. A dor dos familiares diante disso é indescritível. Por isso a morte sensibiliza tanto as pessoas.

Além disso, a sensibilidade ganha combustível quando há identificação e compaixão. O público, ao ser bombardeado com notícias do critério morte, tem forte tendência de se colocar no lugar dos familiares que perderam o ente querido, ou mesmo da pessoa que morreu. A tragédia da Chapecoense é um grande exemplo. Muitas vítimas eram jovens, logo

tenham um futuro inteiro ainda pela frente. Automaticamente as pessoas pensam “e se fosse comigo?” e imaginam consigo “que dor para essa mãe”.

Embora para grande parte das pessoas a morte seja sinônimo de impotência e impacto emocional, segundo Negrini e Brandalise (2015) o jornalismo a considera como um bem simbólico. Isso porque ao mexer com os sentimentos do espectador a chance de aumentar a audiência é ainda maior. Dessa forma, a mídia explora esse critério. Constrói narrativas espetaculares com forte apelo à atenção do público. No caso da Chapecoense, a reportagem do Jornal Nacional no dia 3 de dezembro de 2016, o choro dos familiares, cenas do velório e a vida que tinham as vítimas antes do acidente foram ferramentas essenciais para a construção da matéria televisiva.

3 O espetáculo no jornalismo

Guy Debord é um dos mais influentes estudiosos do espetáculo na vida cotidiana. Em sua obra *A Sociedade do Espetáculo*, definiu o conceito de espetacularização como o exagero da mídia, que transforma todo conteúdo em produto consumido pelo público. No espetáculo, tudo seria representação. É como um *show* cujo “homem acaba se tornando ator e plateia do espetáculo humano”. (TONDO, NEGRINI, 2011– p. 4).

Na tentativa de conquistar a audiência do público, os telejornais buscam transmitir a informação de maneira mais completa “do que aquela que o telespectador pode colher diretamente no local” (CANAVILHAS – 2001 – p. 5). Para isso, eles procuram mais fontes, versões e diferentes aspectos da realidade, que Canavilhas caracteriza do ponto de vista da sociedade do espetáculo, como uma espécie de realidade melhorada, fazendo assim a espetacularização do fato.

Quando trazemos o conceito da Sociedade do Espetáculo para o jornalismo, o excesso da emoção presente nas notícias as transformam, muitas vezes, em espetáculo. Assim, as reportagens tornam-se uma dramaturgia, com direito a imagens repetitivas, escassas de informações, que dão ênfase ao sofrimento e desespero daqueles que estão desolados pela tragédia noticiada. Por exemplo, em cobertura de tragédias, o melodrama da morte é um artifício usado para sensibilizar as pessoas. E afinal, o jornalismo, ao fazer isso, deixa de informar?

Embora o objetivo principal do jornalista seja comunicar os fatos, cabe ressaltar que o acidente da Chapecoense foi um acontecimento extraordinário e, por um lado, mereceu ser espetacularizado, tendo em vista que as cenas reportadas contribuíram para que o espectador tivesse a dimensão do ocorrido. Além de informar detalhes, o comunicador também tem responsabilidade social. Dessa forma ele não está apenas informando sobre o fato, como também revelando a proporção do impacto que o acontecido teve sob as pessoas.

4 Tragédia da Chapecoense

Um acidente. 71 mortes. O mundo inteiro abalado. Entre lágrimas e silêncio, a tragédia da Chapecoense foi a maior da história com uma delegação esportiva. O Verdão do Oeste, apelido carinhosamente dado pela torcida, vivia um momento de glória. Conseguiu derrotar equipes fortes e, com isso, conquistar uma vaga na final da Copa Sul – Americana de Futebol. No entanto, ninguém esperava que, ao sair das terras catarinenses em busca da vitória inédita, seria a última vez em que a equipe completa pisaria na cidade natal.

O fato aconteceu no dia 28 de novembro de 2016. Havia 77 pessoas a bordo: jogadores da Chapecoense, dirigentes do time, comissão técnica, jornalistas e a tripulação do avião. Destes, apenas seis sobreviveram, entre eles os jogadores Jakson Follmann, Alan Ruschel e Helio Hermito, o jornalista Rafael Henzel e os tripulantes Erwin Tumiri e Ximena Suárez. Pouco mais de um ano depois, a Aeronáutica Civil da Colômbia divulgou que a causa do acidente aéreo foi falta de combustível.

Diante do trágico episódio, todo o mundo chorou as 71 perdas. Uma onda de solidariedade atingiu Chapecó, tendo como hipocentro as mais diferentes nacionalidades. Além disso, a imprensa também fez uma cobertura intensa e ágil. Muitas emissoras enviaram repórteres para a cidade do oeste de Santa Catarina, bem como adaptaram a programação televisiva para transmitir, ao vivo, cada nova informação.

5 Metodologia

Para esta análise foi escolhida a edição do Jornal Nacional exibida no dia 3 de dezembro de 2016, mais especificamente as reportagens de Kíria Meurer e Alberto Gaspar. A primeira reportagem retrata a chegada dos corpos das vítimas no aeroporto e o trajeto até o local

do velório. A segunda destaca a cerimônia realizada na Arena Condá. O material foi analisado a partir das reportagens disponibilizadas na íntegra no site G1 Globo.

A técnica que será utilizada é um estudo de Diane Rose, presente no livro Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som, de Martin W. Bauer e George Gaskell, no capítulo Análise de imagens em movimento. A prática é dividida em quatro etapas: seleção, transcrição, tabulação e codificação.

A seleção deve ser feita conforme os princípios teóricos vistos no corpus do trabalho. Sendo assim, a escolha será realizada a partir das imagens que, para nós, com base nos conceitos preliminarmente estudados neste artigo, representam a espetacularização. Rose (2002, p. 347) ressalta em sua pesquisa que analisar uma sequência completa de audiovisual demanda muito tempo, além de não ter relevância em um trabalho analítico. Por isso a seleção é feita em frames ou VTs.

Após isso, é realizado o processo de transcrição. Este trata da descrição das imagens selecionadas, simplificando-as para a escrita. Essa fase tem a função de fornecer o conjunto de dados para posteriormente serem analisados e codificados. A unidade de análise pode ser uma tomada de filmagem feita pela câmera. “Quando a câmera mudava o conteúdo, uma nova unidade de análise começava”, (ROSE, 2002, p. 348). O processo de transcrição é realizado em duas colunas: a da esquerda com a descrição das características visuais, já a direita com todo o conteúdo verbal. Quando muda a tomada de filmagem, é realizada uma nova análise, sendo sinalizada por um parágrafo novo.

As duas colunas formam uma tabela e junto a ela é realizada a análise dos dados gerados pela etapa de transcrição. Esta análise, assim como a fase de seleção, é feita de acordo com os fundamentos teóricos expostos no artigo. No estágio da codificação, as informações são transmutadas para sinais gráficos, resultando em um material quantitativo. Esta etapa, contudo, no nosso trabalho não será realizada, pois não está de acordo com o objetivo dele. Aqui apenas serão analisados dados qualitativos.

6 Análise de dados

Nesta fase do artigo, vamos analisar de que maneira foram usadas as imagens, tomando como base os critérios de noticiabilidade já expostos anteriormente. Observaremos se ocorreu a espetacularização do fato noticiado e se o uso de imagens com teor melodramático foi excessivo. Para isso, utilizaremos como objeto de estudo duas reportagens da edição do Jornal Nacional exibida em 3 de dezembro de 2016.

No dia da exibição, praticamente toda a edição JN foi dedicada a falar sobre a tragédia. Foram transmitidas várias reportagens sobre o acidente em si e o velório. Giuliana Morrone, âncora do telejornal, vestia verde, cor símbolo do time. Além disso, todo o telão de fundo estava com a mesma cor e com o brasão do time, simbolizando a homenagem do veículo ao acontecimento.

A primeira tabela é com base na matéria da repórter Kíria Meurer, que foi alvo de uma série de críticas da população e de profissionais do ramo jornalístico.

Tabela 1 – Sofrimento dos familiares

Dimensão Visual	Dimensão verbal/sonora
<p>Kíria está do lado de fora do ônibus enquanto os familiares desembarcam. Ela aborda a esposa de uma das vítimas do acidente.</p> <p>As imagens foram feitas pela câmera do celular da jornalista, em enquadramento <i>close-up</i> médio.</p>	<p><i>Kíria: Você é parente de quem?</i></p> <p><i>Moça: Sou esposa do Rafael Lobato, fisioterapeuta.</i></p> <p><i>Kíria: Finalmente acabou a espera.</i></p> <p><i>Moça: O pior ainda nem começou.</i></p>
<p>Namorada de uma das vítimas sendo entrevistada enquanto chorava, no aeroporto, após o momento da chegada dos corpos. Imagem em enquadramento de <i>close-up</i>.</p>	<p><i>Namorada da vítima: o último momento que a gente conversou, ele me disse “meu amor, você vai me buscar no aeroporto, na quinta-feira?”. Eu disse “com certeza irei.” E aqui eu tô. Não estou com coragem de entrar, porque não era assim que eu queria vir buscar ele, entendeu. Era ele vivo.</i></p>
<p>Soldados retiram os caixões que estavam nos caminhões que transportavam e os colocam no gramado da Arena Condá.</p>	<p>Áudio ambiente: chuva e silêncio das pessoas em sinal de luto e tristeza</p>

Mulher chorando desesperada, sendo amparada por enfermeiras, minutos antes do velório iniciar.	Som de choro. Gritos de desespero e sofrimento. “Meu Deus!”
--	---

Fonte: Globo, 2016

Ao longo da reportagem, que dura sete minutos e vinte e seis segundos, a jornalista Kíria Meurer registra diversas imagens de áreas restritas, desde o interior do ônibus que deslocava os familiares para o aeroporto de Chapecó, até a tenda onde velaram os corpos das vítimas. Assim, a repórter consegue transmitir diversos detalhes do que estava acontecendo e entrevistar fontes que eram próximas das vítimas. Vale destacar que ela utiliza uma camisa em tom vermelho, que para o senso comum é desrespeitoso ao luto pelos falecidos.

Diante disso, vamos destacar alguns pontos que analisamos em torno da espetacularização.

Enquanto saía do ônibus dos familiares das vítimas da tragédia, a esposa de uma delas é abordada pela noticiarista. Kíria faz a seguinte afirmação “*a espera finalmente terminou*”, a moça rebate “*o pior ainda nem começou*”. A aproximação foi feita de forma fria e insensível. Ademais, na área restrita, a comunicadora faz imagens em modo *selfie*, relatando para o público particularidades do entorno do velório. Ao fazer isso, comparamos com *youtubers* que mostram ambientes em que estão visitando. A diferença é que, em geral, estes gravam em locais convidativos, já a filmagem de Kíria é em uma área restrita e de forte emotividade.

Na tabela 1, também destacamos a namorada do jogador que, perante nosso ponto de vista, é entrevistada em um momento de extrema comoção, em razão da chegada do corpo do namorado. Isso facilita o apelo à sensibilidade do telespectador. Na cena, o enquadramento *close-up* utilizado “é uma tomada que expressa emoção e escrutínio” (ROSE, 2003, página 357).

Quando relatamos o VT em que aparecem os soldados fazendo a retirada dos caixões, a intenção é discutir sobre qual motivo levou a jornalista a deixar esse episódio sem *off*, apenas com o som ambiente. Analisamos que, de uma maneira espetacular, é possível perceber por meio do silêncio o luto e o respeito das pessoas diante da cerimônia. Na cena

seguinte, uma mulher grita e chora em desespero, completamente desolada. Do ponto de vista do espetáculo, este artifício foi usado para chocar o telespectador. Mais uma vez Kíria desrespeita o momento de dor dos familiares.

Ainda sobre a tabela 1, o estilo de abordagem que a comunicadora faz ao acompanhar a trajetória dos familiares de perto tem a intenção de aproximar o público do fato, como se este estivesse vendo tudo o que estava acontecendo e, assim, transformando empiricamente o imagético em real.

Tabela 2 - Emoção na Arena Condá

Dimensão Visual	Dimensão verbal/sonora
Arquibancadas da Arena Condá lotadas.	Torcedores: <i>oh campeão voltou.</i>
Tomada das pessoas cantando, batendo palmas, sob forte chuva	Galvão Bueno: <i>O campeão voltou. O campeão voltou! O time está em casa.</i> Ele se emociona ao fim da frase.
Homem com uma criança no colo. Imagem em enquadramento close-up. A criança chora.	Alberto Gaspar: <i>O pequeno torcedor não se conteve.</i>
Jovem mulher chorando na arquibancada.	Galvão Bueno: <i>Nos jogos, alguns momentos são verdadeiras batalhas, mas batalhas do bem. E assim têm que ser encarados e, se eles são os heróis, estão de volta. Ao seu principal campo de batalha.</i>
Soldados carregando o caixão de uma das vítimas do acidente.	
Imagens em enquadramento geral, mostrando Arena Condá lotada e sob forte chuva.	

Fonte: Globo, 2016

A tabela 2 é uma análise da reportagem do repórter Alberto Gaspar. Diferente de Kíria, Gaspar consegue unir diferentes ganchos, sem precisar invadir locais restritos. Ao longo do vídeo jornalístico, registrou cenas da emoção e solidariedade da torcida, a dor e o luto das crianças, dos jovens, adultos, idosos e familiares e ainda a narração feita por Galvão Bueno, em alguns trechos. Em geral, o comunicador transmite harmonicamente, em sete minutos e vinte e seis segundos, o momento que se perpetua na memória da Arena Condá e que foi, por si só, um acontecimento espetacular.

As imagens das pessoas cantando caracterizam o sentimento recorrente no futebol brasileiro: o amor pelo time. Gaspar, ao utilizar cenas dos torcedores, transmite o sentimento de compaixão e empatia que pairava não só em Chapecó, bem como em diversas nações. De um olhar técnico, observa-se o enquadramento geral nos VT. Esse aspecto serviu para mostrar que, mesmo debaixo de chuva, a Arena Condá estava lotada. O plano *close-up* também foi empregado. No entanto, desta vez com o intuito de informar as expressões dos milhares de personagens que em Chapecó se encontravam.

Para transmitir isso, Gaspar seleciona um VT no qual um menino estava no colo de um homem. Em conjunto com a cena, o jornalista narra a frase “o pequeno torcedor não se conteve”. Ele não exagera, mas consegue comover. Sensibiliza. Comunica a dimensão emocional da nação empática para com o Verdão do Oeste. Mas não é só Gaspar quem participa da narração da reportagem. Com um histórico de participação em coberturas de futebol, Galvão Bueno também se fez presente e utilizou uma narrativa de adjetivações.

Entre as participações de Galvão, escolhemos para analisar a seguinte “Os jogos, alguns momentos são verdadeiras batalhas, mas batalhas do bem. E assim têm que ser encarados e, se eles são os heróis, estão de volta ao seu principal campo de batalha”. Como citamos no artigo, o espetáculo é como uma dramaturgia. Galvão, em sua fala, não se limita apenas ao sentido específico do discurso jornalístico, ou seja, informar. Ele usa adjetivos, metáforas e emoção com o intuito de proporcionar ao telespectador a grandeza do que está vivenciando.

No entanto, vale ressaltar que os adjetivos devem, quase sempre, ser evitados no mundo jornalístico. Então por que é permitido que Galvão faça uma narrativa de tal forma? Porque existem exceções. Crônicas, artigos de opinião, colunas e quando o acontecimento é,

por si só, espetacular, são exemplos. A tragédia da Chapecoense se enquadra neste último. Foram 71 mortes. O melodrama da morte está presente e potencializa a identificação dos telespectadores e, conseqüentemente, a comoção. Ou seja, mesmo que não houvesse uma cobertura espetacular, o acontecimento em si já possui forte carga emocional e dramática, sendo extraordinário.

7 Considerações Finais

Durante este artigo, tivemos como objetivo mostrar como foi a espetacularização realizada na cobertura jornalística no acidente da Chapecoense. Com o intuito de aproximar o entendimento do leitor do nosso objeto de pesquisa, destacamos como funciona os processos de produção da notícia, definindo os critérios de noticiabilidade. Posteriormente, explicamos o que define a cobertura jornalística e como ela ocorre em fatos trágicos. Além disso, descrevemos o impacto que o acidente teve na sociedade e de que forma ocorreu o acidente do Verdão do Oeste.

Dentre as conclusões que tivemos, a primeira é que o processo espetacular contribui para que as pessoas tenham noção da dimensão do que está sendo noticiado e, conseqüentemente, a influência deste em nossas vidas. O Jornal Nacional dedicou uma edição na íntegra para mostrar o maior número de detalhes sobre a tragédia. No objeto de estudo, tanto a primeira, como a segunda reportagem deram a possibilidade de o público entender o sofrimento não apenas dos familiares das vítimas, bem como de toda a população de Chapecó. Concluimos que a diferença entre elas é a abordagem: Alberto Gaspar transmitiu a grandeza da dor com sensibilidade e respeito, Kíria Meurer não.

Com o objeto de estudo, refletimos que a espetacularização pode ocorrer tanto de maneira positiva como negativa, dependendo do jeito que o repórter trabalha com a cobertura do fato espetacular. Ao comparar uma reportagem com a outra, observamos que Kíria explorou aspectos que não eram necessários. Tendo em vista que os jornalistas, assim como todos os profissionais, possuem limites e não podem transgredi-los. Uma ressalva nossa é que, antes de optar por uma ação irregular, como a de Kíria, o profissional deve ponderar que realmente se esgotem outras possibilidades dentro da ética.

Com isso, constatamos que Alberto fez uma espetacularização positiva, pois consegue explorar artifícios dramáticos, sem desprezar o sentimento de luto e os princípios éticos da profissão. Ele soube utilizar outros ganchos, como no som da torcida, mostrar o carinho aos entes falecidos, na emoção de Galvão Bueno, a sensibilidade dos comunicadores, bem como selecionou cenas que revelaram a tristeza e solidariedade estampada no rosto de todos.

Como resultado da interpretação deste artigo, esperamos que o leitor possa adquirir uma percepção crítica diante do que o jornalismo apresenta hodiernamente, principalmente no que diz respeito à cobertura de tragédias. Lembrando que estas, por si só, costumam ser espetaculares, por isso exigem um olhar ainda mais cauteloso. No entanto, vale ressaltar que os espetáculos não geram apenas desdobramentos negativos, como também positivos. Afinal, o espetáculo ocorre quando o profissional tem a intenção de transformar o fato em uma espécie de *show* ou, no caso do jornalismo, em uma dramaturgia jornalística.

8 Referências

CANAVILHAS, João. **O domínio da informação-espetáculo na televisão**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Covilhã, Portugal. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-dominio-da-informacao-espectaculo-na-televisao.pdf>. Acesso em: 20 maio, 2018, 18:35.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EMERIM, Carlida; BRASIL, Antônio. **Coberturas em telejornalismo**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais. Recife: Intercom, 2011.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença**. São Paulo: Estação das Letras, 2008.

GLOBO.COM, Jornal Nacional. **Chegada dos corpos pôs fim à espera das famílias das vítimas** – Reportagem de Kíria Meurer, exibida no dia 3 dezembro, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/12/chegada-dos-corpos-pos-fim-espera-das-familias-das-vitimas.html>. Acesso em: 17 maio, 2018, 19:46.

GLOBO.COM, Jornal Nacional. **Emoção toma conta da Arena Condá em velório da Chapecoense** – Reportagem de Alberto Gaspar, exibida no dia 3 dezembro, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/12/emocao-toma-conta-da-arena-conda-em-velorio-da-chapecoense.html>. Acesso em: 17 maio, 2018, 20:13.

LEONEL, Vilson; MOTTA, Alexandre de Medeiros. **Ciência e pesquisa: livro didático**. 2. ed. rev. atual. Palhoça: UnisulVirtual, 2007.

NASSIF, Luís. **JN invade área restrita em velório da tragédia aérea**. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/jn-invade-area-restrita-em-velorio-da-tragedia-aerea>. Acesso em: 20 maio, 2018, 16:32.

NEGRINI, Michele; BRANDALISE, Roberta. **Os Critérios de Noticiabilidade no Telejornalismo: Uma Reflexão a Partir da Tragédia de Santa Maria**. In: Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo. Ponta Grossa, vol.2, n.1 p. 74-90, 2015. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/7050/4576>. Acesso: 20 maio, 2018, 12:33.

ROSA, EmellemVeleda da; NEGRINI, Michele. **Recortes de uma tragédia: Uma análise do discurso imagético do Jornal Hoje sobre a tragédia da Kiss**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

ROSE, Diane. **Análise de Imagens em Movimento**. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TONDO, Romulo; NEGRINI, Michele. **Espetacularização e Sensacionalismo: Reflexões Sobre o Jornalismo Televisivo**. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2009, Curitiba. Anais. Curitiba: Intercom, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.